



## A MEMÓRIA FOTOJORNALÍSTICA NA COBERTURA DO EMBATE ENTRE MINEIROS E AGRICULTORES NA DÉCADA DE 90

Eduardo Scussel de Sousa<sup>1</sup>

Marli Vitali<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo principal de relacionar a importância do fotojornalismo na memória coletiva, tendo como estudo de caso o conflito entre mineiros e agricultores em 1996 em Criciúma, SC. Foram quatro principais autores da fundamentação teórica, Boris Kossoy, Jorge Pedro Sousa, Jacques Le Goff e Michel Pollak que contribuíram para o desenvolvimento do projeto. O trabalho traz referências em que se consegue fazer uma costura de autores científicos que trabalham os temas (memória e fotojornalismo) e com profissionais da mídia que atuaram naquele momento, traz novamente essa recuperação histórica registrada nas páginas dos jornais impressos da época. As entrevistas foram com dois fotojornalistas Mauricio Vieira, que na época trabalhava no extinto Jornal da Manhã de Criciúma e Ulisses Job, que atuava no Diário Catarinense, que puderam contar detalhadamente de como foi registrar tudo que aconteceu no dia 12 de novembro de 1996. Como resultado, a pesquisa apontou que o fotojornalismo e a memória tem uma forte ligação, mostrando também a importância do fotojornalismo em podermos contar através das imagens fatos históricos.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Memória. Cobertura jornalística. Mineiros.

### 1 INTRODUÇÃO

A quantidade de carvão mineral encontrada no início do século XIX alavancou o progresso econômico e social da região carbonífera Catarinense, trazendo consigo principalmente a geração de empregos. Desde então, a exploração do carvão mineral no sul de Santa Catarina se tornou fundamental para o crescimento regional.

---

<sup>1</sup> Acadêmico de jornalismo. Email: eduardoscussel159@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora orientadora. E-mail: marli.vitali@satc.edu.br



O desenvolvimento econômico catarinense pós-1914 é um reflexo direto da necessidade da exploração do carvão, cerceado durante a Primeira Guerra e pela necessidade da indústria brasileira que começava a ensaiar uma diversificação produtiva (GOULARTI FILHO, 2003). As atividades carboníferas se aceleram ainda mais a partir de 1930, com a política protecionista e a industrialização.

O crescimento da indústria siderúrgica na primeira guerra mundial, associado ao transporte de cabotagem e ferroviário, fez aumentar a demanda por carvão mineral. Segundo Goularti Filho (2003) o ano de 1990 marcou o fim do longo ciclo expansivo e acelerado do carvão, iniciado durante a Primeira Guerra, em que havia uma forte presença estatal no setor. O governo Fernando Collor de Mello simplesmente liberou a importação do carvão metalúrgico, desobrigou as siderúrgicas estatais a comprarem o carvão nacional, acabou totalmente com as cotas e fechou o Lavador de Capivari, em Capivari de Baixo, e as unidades da ICC (Indústria Carboquímica Catarinense) em Imbituba e Criciúma. Associado a essas medidas, iniciou o processo de privatização, que atingiu diretamente a Carbonífera Próspera localizada no bairro Primeira Linha, em Criciúma, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), demitindo mais de 1.500 trabalhadores.

Os trabalhadores da Carbonífera Próspera ficaram quase dois anos num movimento de resistência à privatização da empresa, aguardando uma reversão da política econômica em prol da estatal. A solução imediata veio com a venda da estatal para a Carbonífera Metropolitana, que criou a Nova Próspera. Como a nova empresa não cumpriu os prazos estabelecidos pela CSN e ficou impossibilitada de minerar numa área de preservação ambiental, a Próspera novamente voltou às mãos da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), agora privatizada, que a fechou por definitivo em 1995. (GOULARTI FILHO, 2003).

Em 12 de novembro de 1996, na cidade de Criciúma, um Projeto de Lei 078/96 apresentado pelo vereador José Paulo Serafim (PT), presidente do Sindicato dos Mineiros de Criciúma na época, era apreciado pelos demais vereadores. Contra Serafim estavam os agricultores de três comunidades: Morro Estevão, Morro Albino e bairro Dagostin. O documento em votação dava liberdade para reduzir a Área de



Proteção Ambiental (APA) das localidades citadas e visava permitir a mineração de uma reserva de carvão no subsolo da Mina A, empresa carbonífera Nova Próspera, sucessora da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).<sup>3</sup> A tensão era grande, tanto que no dia da votação por medidas de segurança a sessão não ocorreu na sede da Câmara de Vereadores, no 6º andar do edifício do Centro Profissional, no Bairro Pio Corrêa, e sim, no salão do tribunal de júri do Palácio do Estado, então fórum da cidade, na Avenida Getúlio Vargas, onde não foi aberta ao público.

Caso rejeitado o projeto, seriam 500 mineiros que perderiam seus empregos no dia seguinte, pois a empresa Nova Próspera não poderia minerar na reserva de carvão da Mina A. Na hora da votação, 12 votos a oito contra o projeto. Os mineiros se revoltaram e começaram a atirar paus e pedras contra o prédio onde estavam os vereadores.

O confronto com a polícia militar resultou em pancadaria, depredação de veículos de vereadores, vidraças do fórum quebradas, nove presos e feridos nos dois lados.<sup>4</sup> A depredação do fórum é lembrada como um "divisor de águas" na história do movimento sindical catarinense. Manifestações violentas não se repetiram. Um marco também para os ambientalistas. Duas décadas depois, o "Morro do Banana" mantém o seu cinturão verde.

O fotojornalismo acompanhou de perto o embate, o antes e o depois daquele dia. É uma história forte na memória local. Uma série de pontos relevantes traz a importância do tema. Para compreender melhor o contexto, parte-se do seguinte problema de pesquisa: como o fotojornalismo contou a história do conflito entre mineiros e agricultores em 1996, na cidade de Criciúma, SC ?

Dessa forma, o objetivo geral é relacionar a importância do fotojornalismo na memória coletiva, tendo como estudo de caso o conflito entre minérios e agricultores em 1996 em Criciúma, SC. Tendo como objetivos específicos:

---

<sup>3</sup>Vídeo: A noite que dividiu a nossa história: Disponível em: <https://www.engeplus.com/noticia/memoria/2016/v-deo-a-noite-que-dividiu> Acesso em 15 de abril de 2021.

<sup>4</sup>Vídeo: A noite que dividiu a nossa história: Disponível em: <https://www.engeplus.com/noticia/memoria/2016/v-deo-a-noite-que-dividiu> Acesso em 15 de abril de 2021.



- Revisitar um dos acontecimentos mais marcantes na história do movimento mineiro regional;
- Perceber como o fotojornalismo contribuiu para preservar a memória e deixar em evidência acontecimentos históricos como o da votação do projeto de lei;
- Com base nos conceitos de Pollak e Barros sobre memória identificar como os fotojornalistas contaram a história do conflito entre minérios e agricultores em 1996 em Criciúma, SC.

A pesquisa partirá de autores que falam de memória e fotojornalismo. Os principais são Boris Kossoy, Jorge Pedro Sousa, Jacques Le Goff e Michel Pollak. O estudo também irá coletar os depoimentos de profissionais do fotojornalismo que atuaram na cobertura do evento.

Esta é uma pesquisa básica, que parte da revisão bibliográfica, revisitando o material publicado sobre o ato. A pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos, assim a pesquisa explicativa segundo Gil (2007, p. 43), pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

A complexidade deste tipo de pesquisa advém exatamente do fato de seu objetivo não ser apenas registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados, mas identificar suas causas. (GIL, 2007). Para isso, foram realizadas entrevistas com dois fotojornalistas que atuaram na cobertura do evento, Mauricio Vieira e Ulisses Job.

Buscar essas referências em que se consegue fazer essa costura de autores científicos que trabalham os temas (memória e fotojornalismo) e com profissionais da mídia que atuaram naquele momento, traz novamente essa recuperação histórica registrada nas páginas dos jornais impressos da época.

## **2 FOTOJORNALISMO**



Para analisar as fotografias registradas no embate entre mineiros e agricultores precisa-se falar da fotografia e de um de seus ramos, o fotojornalismo. Com o passar do tempo a fotografia se tornou algo fundamental fazendo parte do cotidiano das pessoas e nos últimos anos, com o avanço da tecnologia, essa prática tem crescido constantemente.

Capturar fatos importantes é uma forma da humanidade comprovar suas trajetórias e realizações, seja ela com intuito de recordação e documentação da vida familiar, ou como meio de informação e divulgação de fatos. Para Kossoy (2007) a fotografia é uma fonte histórica de abrangência multidisciplinar, sendo apenas o ponto de partida, a pista para desvendar o passado.

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. (KOSSOY, 2007, p. 133)

A fotografia surgiu em 1839, sendo assim, os jornais já existiam na Europa e nas Américas. Foram precisos mais de 30 anos para ser possível o aproveitamento das fotografias na imprensa (FELZ, 2006). As aparições das fotografias na imprensa começaram a partir de 1880, com o emprego de novas técnicas de impressão, tornando-se importante para os modos de se ver o mundo. Freud, 1994 fala que se até então, o cidadão comum apenas podia visualizar fenômenos que ocorriam perto dele, com a utilização de imagens fotográficas pela imprensa, o mundo tornou-se próximo, pequeno aos olhos da massa.

Segundo Freund (1994) a fotografia inaugura o conjunto dos meios de comunicação de massa visuais, entre eles o jornal, quando o retrato do individual é substituído pelo retrato coletivo. Sendo assim, um dos ramos da fotografia é o fotojornalismo que registra e eterniza a vida e ajuda na construção da memória. É o ramo que retrata acontecimentos do cotidiano das pessoas, a alegria e as tristezas, os momentos da história de diferentes sociedades.

O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida



humana e as consequências que ela traz ao planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual (SOUSA, 2004, pg.9).

A forma de capturar um momento único e levar isso, como forma de informação às pessoas, assim atua o fotojornalismo. Sousa (2004, p.11) relata que as fotografias jornalísticas podem ser compreendidas como sendo aquelas que possuem “valor jornalístico, sendo usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado”.

Pode-se afirmar que o fotojornalista se torna uma pessoa com olhar técnico diante de tal acontecimento, transmitindo informações diante de suas fotos. Segundo Mauad (2016), a partir de 1960 e 1970 as transformações das práticas fotográficas com a profissionalização de fotógrafos impulsionadas pela criação de cursos de jornalismo deu-se um novo olhar as fotos no ramo.

As práticas fotográficas utilizadas pelos fotógrafos são o resultado de uma construção social oriunda das vivências e experiências de cada profissional, que foram, em alguma medida, compartilhadas ao longo do tempo. A fotografia pode criar elos entre o passado e o presente transformando-se em documentos, que também constroem memórias.

Assim, a memória baseada no fotojornalismo estimula o apagamento de um possivelmente falso limiar entre real e imaginário, solicitando nossa atenção crítica sobre a construção que a comunicação midiática e interpessoal está fazendo do passado. Assim as fotos trazem detalhes de fatos que as vezes não lembramos e refresca a memória dando cronologia a acontecimentos históricos.

### **3 MEMÓRIA**

Para Le Goff (2003, p. 423) a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dessa forma, o estudo da memória



transcendeu as áreas da biologia e da psicologia e se aproximou das ciências humanas e sociais. O autor também fala que a fotografia tem como característica mostrar a verdade, sendo assim, uma das duas manifestações mais significativas da memória coletiva. A primeira é a construção de monumentos aos mortos, que ultrapassa os limites da memória associada ao anonimato, pois proclama sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno de uma memória comum.

A segunda o autor aponta que a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em desenvolvimento, das classes dominantes e das dominadas, pois todas lutam pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

A memória para Pollak (1992) é um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Contudo, o estudioso lembra que Maurice Halbwachs<sup>5</sup>, ainda nos anos 20 e 30 (séc. XX), havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201).

Para o autor a memória é um fenômeno construído no social e individualmente, consciente e inconscientemente, pode-se afirmar que há uma ligação fenomenológica que seria o estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, buscando explorá-lo, assim é muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. O sociólogo ressalta que esse é o sentimento de identidade no seu sentido mais superficial.

A proporção que as imagens trazem para a realidade o autor Pollak diz que o sentido da imagem de si, para si e para os outros, é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a si mesma, a imagem que constrói e apresenta

---

<sup>5</sup> Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês da escola Durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou.



aos outros e a si, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Pollak cita três elementos que constroem a memória são eles: **os** acontecimentos, os personagens e os lugares.

Os acontecimentos: São os vividos pessoalmente, e os “vividos por tabela”, aqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer mesmo sem ter participado. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 201).

Os personagens: Existem os personagens realmente encontrados no decorrer da vida e os personagens “por tabela”. “São pessoas que se transformaram quase em conhecidas e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço/tempo em questão” (POLLAK, 1992, p. 201).

Os Lugares: Já os lugares, existem lugares da memória, que o autor Pollak relata que são “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. (POLLAK, 1992, p. 202).

A fotografia é responsável pela preservação da memória. No artigo de Barros (2017) a autora cita Jo Spence (1976) dizendo que fotografia é sempre memória porque sua condição de existência exige que ela se apresente depois de aquilo que ela representa ter acabado. O passado e a memória não se conservam; constroem-se. As imagens têm um importante papel na conservação de certas informações que acabarão por integrar a memória, presando a produção coletiva da memória por meio das fotografias se cruza com a memória pessoal seria uma ruptura que faz que nunca mais nos dá mesma forma que antes.

Barros (2017) também cita o autor Belting (2011) diz que o imaginário coletivo guia a construção da memória na direção de seus desejos, por isso a noção de memória antecipatória se torna operacional ao pensarmos na fotografia sob o prisma de uma teoria do imaginário. Reter certos traços, ampliando-os, e esquecer





outros, apagando-os, é procedimento corriqueiro da memória que, quando intermediada por fotografias, se fortalece.

## 5 ANÁLISE

Esse trabalho tem como objetivo geral é relacionar a importância do fotojornalismo na memória coletiva, tendo como estudo de caso o conflito entre mineiros e agricultores em 1996 em Criciúma, SC. Os objetivos específicos são: Revisitar um dos acontecimentos mais marcantes na história do movimento mineiro regional; Perceber como o fotojornalismo contribuiu para preservar a memória e deixar em evidência acontecimentos históricos como o da votação do projeto de lei; Com base nos conceitos de Pollak e Barros sobre memória identificar como os fotojornalistas contaram a história do conflito entre minérios e agricultores em 1996 em Criciúma, SC.

A análise vai associar as falas dos fotojornalistas com o auxílio de suas imagens para trazer a relação do fotojornalismo e a memória. Para isso, foram feitas entrevistas semiestruturadas remotas com dois fotojornalistas que participaram ativamente na cobertura do evento. O meio usado para o contato foi o aplicativo *WhatsApp* onde foi montado um questionário *online* respondido no mês de setembro. Foram elaboradas seis perguntas. As respostas foram por áudio e transcritas em quatro páginas.

O uso da entrevista é para entender o fenômeno estudado e para quando a natureza da informação se tratar de fenômeno que ficaria difícil ou impossível de ser observado. Assim, é possível buscar informações sobre opinião, concepções, expectativas, percepções sobre objetos ou fatos ou ainda para complementar informações sobre fatos ocorridos que não puderam ser observados pelo pesquisador, como acontecimentos históricos ou em pesquisa sobre história de vida, sempre lembrando que as informações coletadas são versões sobre fatos ou acontecimentos.

Maurício Vieira, 52 anos, trabalha há 31 anos na área de fotojornalismo, atualmente está na assessoria de imprensa do Governo do Estado de Santa Catarina.



Na época do episódio estudado trabalhava como fotojornalista para o Diário Catarinense.

Ulisses Job, 59 anos, é jornalista formado e 33 anos de fotojornalismo, trabalha como repórter fotográfico *freelancer*. Durante a cobertura de 1996 atuava no extinto Jornal da Manhã de Criciúma.

Os dois profissionais cobriram o evento da votação da lei que resultou em um grande embate.

Naquele dia os agricultores defendiam a preservação da Área de Proteção Ambiental (APA) das áreas do Morro Estevão, Morro Albino e bairro Dagostin que delimitavam o entorno do Morro do Bananal, cortado pela Rodovia Luiz Rosso. Os mineiros lutavam contra o desemprego.

Quase 100 agricultores e mais de 500 mineiros reuniram-se já à tarde na frente do fórum. Caminhões e máquinas foram usados por funcionários da mineradora para bloquear a Avenida Getúlio Vargas. Vereadores e agricultores sofreram hostilidades. A noite após o resultado da votação 12 votos a oito contra o projeto. Isso foi combustível para um grande cenário de uma noite violenta.<sup>6</sup>

O questionário respondido pelos fotojornalistas possui seis perguntas e foi dividido em dois momentos. O primeiro momento mostra o dia do evento e no segundo a fotografia em si.

A primeira pergunta feita para os fotojornalistas foi a seguinte: O que você lembra daquele dia?

Vieira (2021) ressalta que foi um dia importante não só para a cidade de Criciúma, mas para a história dos mineiros e a relação deles com os agricultores.

Quando você para pra pensar e refletir, quando você é provocado como eu fui por você com minhas imagens, eu me lembro de muita coisa do que aconteceu daquele dia. Qualquer lugar que você parava na cidade a discussão era a votação. Como a gente era conhecido no meio jornalístico estávamos sempre no meio dos agricultores, mineiros e políticos, e dava de perceber uma turbulência (VIEIRA, 2021).

<sup>6</sup> Vídeo: A noite que dividiu a nossa história: Disponível em: <https://www.engeplus.com/noticia/memoria/2016/v-deo-a-noite-que-dividiu> Acesso em 15 de abril de 2021.



Já Job (2021) lembra que os mineiros levaram caminhões enormes para frente do fórum de Criciúma e furaram todos os pneus. Relembra também que a polícia jogava bombas de gás lacrimogêneo e atiravam balas de borracha. “Podendo ver minhas imagens passa um filme na minha cabeça, no momento eu garanti a foto e fui para um lugar mais seguro para não sermos atingidos (Imagem 01). O cenário era punk”.

**Imagem 01** – Mineiro jogando uma pedra na polícia



Fonte: Ulisses Job, 1996

Os entrevistados viram depois de muito tempo suas fotos que ajudou a lembrar de todos os detalhes e resgatar suas memórias daquele dia. Assim, Le Goff (2003) afirma que a fotografia revoluciona a memória uma vez que multiplica-a e democratiza-a, dando uma precisão e uma verdade visual nunca atingida, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica dos fatos.



A segunda questão elaborada foi: Onde você estava no dia da votação do projeto de lei que gerou o embate entre mineiros e agricultores?

Viera (2021) comenta que estava envolvido desde de manhã acompanhando todos os movimentos dos mineiros e agricultores. “A noite após a votação que foi complicado. Quando o projeto de lei foi rejeitado eu o Ulisses Job estávamos no meio da confusão”.

Job (2021) relata que já cedo os mineiros estavam agitados e os agricultores mais tranquilos na frente do fórum de Criciúma (Imagem 02). “Os mineiros tinham bandeiras e as torras de madeira que seguravam essas bandeiras eram enormes. A coisa era ferrenha”.

**Imagem 02** – Mineiros protestam na frente do fórum



Fonte: Ulisses Job, 1996

Nas respostas dos fotógrafos percebe-se que evocam a memória e estão fazendo uma seleção de aspectos do ato que consideram importantes com a ajuda de

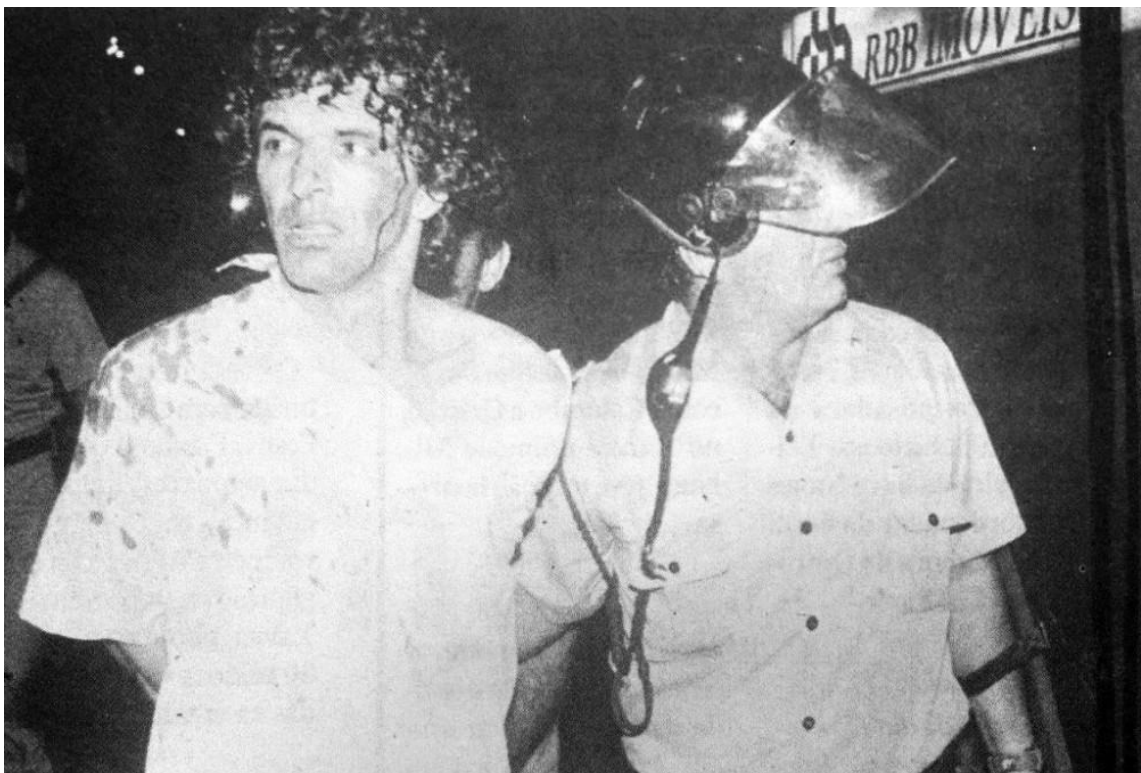


suas imagens assim dando cronologia aos fatos. Conforme Pollak (1992), a memória é seletiva, logo sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

O terceiro questionamento foi: Algumas daquelas fotos registram exatamente o momento que você viveu?

Os fotojornalistas elencaram duas imagens cada para resumir o que foi a noite da votação do projeto de lei no fórum de Criciúma. Vale ressaltar que citam uma imagem registrada por eles de ângulos diferentes, do autor do projeto da lei, José Paulo Serafim, que em seguida ajuda identificar um dos elementos que constroem a memória.

**Imagem 03** – O momento que José Paulo Serafim é preso pela polícia



Fonte: Mauricio Vieira, 1996



Para Vieira (2021) a (Imagem 03) mostra exatamente como foi o cenário do embate. “Vendo essa foto lembro bem desse momento. Essa imagem é o símbolo do embate, diz muito do que foi o desfecho da votação, a gente vê o grau que chegou aquele dia”.

**Imagem 04** – Confronto entre mineiros e a polícia



Fonte: Mauricio Vieira, 1996

Viera (2021) ainda diz que o cenário daquela noite foi resumido em pancadaria com polícia e a imagem que mostra tanta violência como é (Imagem 04). “Olhando a imagem lembro bem que a pessoa da foto que recebeu essa cacetada da polícia foi presa junto com o José Paulo Serafim”. Conforme Barros (2017) a memória se torna operacional ao pensarmos na fotografia sob o prisma de uma teoria do imaginário, resgatando da memória pequenos detalhes esquecidos. O autor ainda fala que as memórias intermediadas por fotografias se fortalecem.

**Imagem 05** – De outro ângulo o momento que José Paulo Serafim é preso pela polícia



Fonte: Ulisses Job, 1996

Para Job (2021) a imagem que marca o embate é a (Imagem 05) a mesma que Viera (2021) registrou, mas por outro ângulo. “A prisão do José Paulo Serafim não tem como esquecer. Essa mostra o cenário violento que foi o dia”. O fotojornalista ainda destaca a (Imagem 01) para se referir ao cenário de violência e embate com a polícia.

A primeira exigência do gesto fotográfico é eliminar os contextos da cena fotografada. Ora, quando se faz isso, os detalhes que restam são intensificados, trabalhando em prol da sua conservação, “mas sobretudo em prol dos desejos de expressão do sujeito que vai eleger essa fotografia como representativa de algo que se quer comunicar” (BARROS, 2017, p.158).



Nesse primeiro momento das perguntas, da primeira até a terceira pode-se perceber os três elementos de Pollak (1992) que constroem a memória: os acontecimentos, os personagens e os lugares.

Os acontecimentos seriam o fato em si porque o fenômeno de identificação com o passado é forte que se pode falar de uma memória herdada dos entrevistados com a ajuda de suas fotos.

Os personagens quando os fotojornalistas lembram do ato e puxam da memória a foto mais significativa para eles o que aflora não é o ato em si é o personagem. Pois os dois lembram exatamente das mesmas imagens (Imagem 03 e Imagem 05). O personagem central para Vieira (2021) e Job (2021) se torna o ex-vereador e ex-presidente do sindicato da época, José Paulo Serafim, sendo preso, todo ensanguentado que resumiu todo o desfecho do embate. Que seria “particularmente ligado a uma lembrança” que permaneceu muito forte na memória. Podendo assim, dizer que o fotojornalismo e a memória tem uma forte ligação.

Os Lugares que seriam as suas fotografias, que por meio delas conseguem lembrar de situações, do lugar, de como estava o espaço. Tudo detalhadamente que acontece naquela noite.

A quarta pergunta foi: O que principalmente você queria registrar no acontecimento?

Vieira (2021) destaca que em qualquer evento tenta mostrar o que está acontecendo, o que é verdadeiro. “Em momento algum eu vou com uma predisposição de saber o que vou registrar. No embate foi a tensão, a situação, mostrar os dois lados”.

Para Job (2021) o momento do embate ele queria registrar o que estava acontecendo, colocando o máximo de informações na foto para que quando um leitor olhar, entender o que estava se passando no dia. “O fotojornalista ele escreve com a luz. É como se fosse escrever um texto na imagem. Tu vai tentar colocar o máximo de informação dentro da imagem”.

Assim, de qualquer modo, os fotógrafos usaram a principal finalidade do fotojornalismo que é informar. “O fotógrafo atua como mediador cultural ao traduzir





em imagens técnicas sua experiência subjetiva frente ao mundo social” (MAUAD, 2016, p.15).

Coforme Kossoy (2001) o registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade, ou seja, o seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens.

O quinto questionamento feito aos fotojornalistas foi: Você acha que seus registros ajudam a contar a história do fotojornalismo marca a história.?

Viera (2021) diz que uma foto fala mais que mil palavras. No presente a gente vê o que aconteceu e confirma, refresca a memória das pessoas. Acrescenta ainda que quem participou do embate ou acompanhou e não lembra, hoje vê essas fotografias e consegue confirmar o passado.

Para Job (2021) é como se fosse escrever um texto na imagem. Você vai tentar colocar o máximo de informação dentro da imagem para pessoa que olhar conseguir absorver o que foi o embate.

Na sexta e última pergunta foi questionado se o fotojornalismo contribui para mostrar detalhadamente acontecimentos históricos e sua importância?

Para Viera (2021) o fotojornalismo tem uma importância pra marcar a história de qualquer situação, independente da sua missão e conduta ética o que se mostra é sempre um fato histórico. Ele ainda cita um exemplo que justifica a relação do fotojornalismo com a memória para a sociedade. “Se você falar uma pessoa que houve um apedrejamento no fórum ou uma guerra campal em Criciúma, a pessoa dúvida de você ou até mesmo ela presenciou mais não lembra. Mais se você mostra as fotografias a reação é totalmente diferente”.

Job (2021) diz que o fotojornalismo é muito importante e ressalta que é sempre bom num lugar estar mais de um fotojornalista porque eles vão mostrar de vários ângulos o que está acontecendo. “Eu e o Mauricio cobrimos o embate de diferente ângulos mas sempre mostrando a mesma informação e os fatos que aconteceram naquela noite. Assim Sousa (2002) afirma os fotojornalistas trabalham com base numa linguagem de instantes, numa linguagem do instante, procurando condensar num ou em vários instantes, “congelados” nas imagens fotográficas, toda



a essência de um acontecimento e o seu significado. “Portanto, o foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista”. (SOUSA, 2002, p.10).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo geral verificar de que forma o fotojornalismo registrou o conflito entre mineiros e agricultores em 1996, observando a sessão da Câmara de Vereadores de Criciúma pelo olhar dos profissionais que atuaram nessa cobertura.

Foram determinantes para a elaboração deste artigo a relação dos conceitos de fotojornalismo e memória, onde pode-se fazer uma costura desses conceitos.

Assim pode se revisitar um dos acontecimentos mais marcantes na história do movimento mineiro regional. Perceber como o fotojornalismo contribuiu para deixar em evidência a votação do projeto de lei que entrou para história e também registrar como os fotojornalistas contaram a história do conflito por meio de entrevistas com os fotojornalistas Mauricio Vieira e Ulisses Job.

Após pesquisas e estudos aprofundados, verificou-se que os objetivos foram alcançados com êxito.

As entrevistas com os fotojornalistas mostraram como as fotografias dão sentido a memória. Pode-se concluir também que as fotografias quando mostradas para os fotógrafos elas despertam a memória e dão um sentido cronológico para os fatos do embate, pois a memória é seletiva. Assim, Viera e Job puderam contar detalhadamente todos os fatos que ocorrem no dia do embate.

A memória se torna operacional ao pensarmos na fotografia sob o prisma, resgatando da memória pequenos detalhes esquecidos. Confirma-se que as memórias intermediadas por fotografias se fortalecem.



O personagem central se tornou o ex-vereador e ex-presidente do sindicato José Paulo Serafim, sendo preso, todo ensanguentado que resumiu todo o desfecho do embate. Que foi “particularmente ligado a uma lembrança” que permaneceu muito forte na memória dos fotógrafos. Podendo assim, dizer que o fotojornalismo e a memória tem uma forte ligação.

O trabalho também mostrou da importância do fotojornalismo em podermos contar através das imagens fatos históricos. E que pode-se construir a memória de quem presenciou o embate, ou até mesmo para quem não acompanhou, saber o que se passou detalhadamente no embate de 1996 por meio das fotografias.

#### **4. REFERÊNCIAS**

BARROS, Ana Taís Martins. **Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção**. São Paulo, 2017.

BELTING, Hans. **A verdadeira imagem**. Porto: Dafne, 2011.

ENGEPLUS. **Vídeo: A noite que dividiu a nossa história**: Disponível em: <https://www.engeplus.com/noticia/memoria/2016/v-deo-a-noite-que-dividiu> Acesso em 15 de abril de 2021.

FELZ, Jorge Carlos. **A fotografia de imprensa e o desenvolvimento industrial em Juiz de Fora (1870 – 1940)**. Minas Gerais, 2006.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega. 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.



GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Santa Catarina, 2003.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2003.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica**. Revista Brasileira de História da Mídia, vol. 5. 2016.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, 1992.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. São Paulo: Globo, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SPENCE, Jo. **The politics of photography (A política da fotografia)**. British Journal of Photography, Londres, p. 172-213, Aug. 1976.